FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 06/05/2023 - 05:59

Pandemia no Brasil foi marcada por erros e mortes evitáveis

Sepultadores carregam caixão com vítima da Covid-19 no cemitério de Vila Formosa, em São Paulo Lalo de Almeida - 19.jun.20 / Folhapress

Pandemia no país foi marcada por erros e mortes evitáveis

Para especialistas, Brasil perdeu a chance de ser exemplar no combate à Covid

Natália Cancian

BELO HORIZONTE Era 30 de janeiro de 2020. A OMS (Organização Mundial da Saúde) declarava o novo coronavírus como emergência de saúde de importância internacional. No Brasil, o Ministério da Saúde dava entrevista à imprensa para falar sobre possíveis casos em investigação e medidas como a ampliação de leitos de UTI no SUS.

O que parecia indicar um cenário de preparação prévia contra a Covid, porém, acabou por se transformar ao longo dos últimos três anos em uma sequência de erros que incluem ausência de uma política organizada de controle da doença, aposta em remédios sem eficácia, apagão de dados e atrasos na compra de vacinas, entre outros pontos.

O resultado foram mortes que poderiam ter sido evitadas, apontam especialistas, secretários de saúde e ex-gestores ouvidos pela **Folha**.

Nesta sexta (5), após quase 7 milhões de mortes, a OMS declarou que a Covid não é mais uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (Espii).

Embora não elimine os desafios em relação à doença, a mudança na classificação dá um novo marco a um dos períodos de maior impacto na saúde pública do país e do mundo. Hoje, o Brasil é o segundo país em número acumulado de mortes pela Covid, atrás apenas dos Estados Unidos. Desde o início da pandemia, são 701 mil mortes. Na prática, é como varrer do mapa uma capital inteira, como Cuiabá ou Aracaju, ou até 336 cidades de menor porte.

O caminho até esses números foi marcado por trocas de ministros, divergências entre discursos de autoridades sanitárias e do então presidente da República, Jair Bolsonaro (PL), e momentos de colapso no sistema de saúde.

Ao longo dos últimos três anos, foram cinco ministros da Saúde. Os dois primeiros, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, saíram em meio a atritos e divergências com Bolsonaro. Para Mandetta, pesou a defesa de medidas como o uso de máscaras e isolamento social — Bolsonaro era contra. Com Teich, o revés veio com a pressão do Planalto para a ampliação da oferta da cloroquina, já na época sem evidências contra a Covid.

"Ele [Bolsonaro] queria que a Saúde não fizesse regras básicas", disse Mandetta à **Folha**. "Depois entraram numa de desfazer a credibilidade do ministério e ridicularizar nada."

Para especialistas, o apagamento do Ministério —que chegou a ficar quatro meses sem titular oficial— e a ausência de um discurso comum a favor de medidas de prevenção foram alguns dos primeiros erros da gestão da crise gerada pela Covid no Brasil. A percepção também consta de dossiê da Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva), que aponta entre as "falhas graves" na condução da epidemia fatores como baixa testagem e isolamento de casos, desestímulo ao uso de máscaras, promoção de tratamentos ineficazes, atraso na compra de vacinas e falta de comunicação unificada.

Além da omissão, a resposta brasileira foi marcada pela tentativa da Saúde de dizer de divulgar totais de casos e mortes pela doença, o que levou à formação de um consórcio de veículos de imprensa para noticiar os números.

"O Brasil perdeu a chance de ser um país exemplar no combate ao coronavírus", disse a pneumologista Margareth Dalcolmo, uma das profissionais de saúde mais atuantes na pandemia. "E a razão para isso foi por uma decisão política de ignorar o conhecimento científico." Para ela, houve "tentativa, que aponta entre as falhas graves" na condução da epidemia fatores como baixa testagem e isolamento de casos, desestímulo ao uso de máscaras, promoção de tratamentos ineficazes, atraso na compra de vacinas e falta de comunicação unificada.

> O SUS foi heroico no sentido de dar respostas, mas poderia ter se saído melhor se tivesse tido um bom comando
>
> **Rosana Onocko**
> de Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva)

Frases do ex-presidente marcaram esse contexto. Na prática, ao mesmo tempo em que estados adotavam diretrizes de isolamento e uso de máscaras e hospitais sentiam a pressão na busca por leitos, Bolsonaro dizia que o poder do coronavírus estava "superdimensionado" e que havia uma "histeria" em torno de uma "gripezinha".

Secretário de Saúde do Rio Grande do Norte desde 2019 e ex-presidente do Conass, que reúne gestores estaduais de saúde, Cipriano Maia lembra dos impasses do início da pandemia. "Era um contexto de extrema dificuldade", afirma. "Principalmente por falta de uma coordenação nacional, negacionismo e confrontação às medidas adotadas pelos estados."

Ele cita a defesa feita por membros do governo de remédios que faziam parte do chamado "kit Covid", mas que não tinham indicação para a doença. Exemplo disso é que, em janeiro de 2020, na gestão interina do general Eduardo Pazuello, a Saúde elaborou um protocolo que ampliava a oferta de cloroquina para casos leves da doença, já na contramão das evidências.

Uma medida que, embora rechaçada pela comunidade científica, encontrou eco em parte da classe médica e alguns prefeitos. "Virou questão de disputa política", lembrou Lorena Barberia, professora de ciência política da USP e membro do Observatório Covid BR. Ela resumiu a resposta brasileira à emergência da Covid como uma busca por "soluções mágicas" em detrimento de ações articuladas que pudessem ser mantidas a longo prazo.

Um exemplo é o fato de que, enquanto insistia na oferta desses medicamentos, o Brasil deixou de aplicar testes para ajudar no rastreio e monitoramento da doença. Metas para ampliação da testagem, anunciadas ao longo de 2020 e 2021, nunca foram atingidas. Na contramão, a pasta, ainda na gestão de Bolsonaro, acumulou 1,1 milhão de testes prestes a vencer — o que levou à perda do material em 2021, segundo a CGU. O problema se repetiu com mais testes no início deste ano, o que a gestão atual atribui à gestão anterior.

"É gritante ver que discursos mais tratamento precoce do que testagem no primeiro ano. Muitas pessoas poderiam muito a resposta, o que inchai hospitais, e houve práticas criminosas que custaram vidas", diz Barberia, em referência a casos investigados em CPIs.

Para Rosana Onocko, da Abrasco, a ausência de coordenação nacional impactou o desempenho da rede de saúde. "O SUS foi heroico no sentido de dar respostas, mas poderia ter se saído melhor se tivesse tido um bom comando", disse.

Maia, do Conass, concorda e vê na descontinuidade de políticas um dos erros mais marcantes no período. "Isso se agravou com a crise em Manaus, em que vários estados tiveram que acudir, mostrando o desculabro." Na época, a cidade teve colapso da oferta de oxigênio, e relatos apontam que os leitos viviam cá maras de asfixia. Em tentativa de contornar a crise, pacientes foram transferidos para outros estados.

Enquanto isso, o ministério divulgava um aplicativo que recomendava o uso de cloroquina até para bebês, na contramão das evidências científicas.

O tema foi questionado na CPI da Covid, cujo relatório aponta negligência para evitar o colapso no Amazonas e outros problemas, como irregularidades em negociações de vacinas e demora para comprar imunizantes.

Hoje, a vacinação é tida como principal fator para a redução de internações e mortes pela Covid. A estratégia, porém, começou de forma lenta e restrita. Dados divulgados pela **Folha** em 2021 mostram que a gestão de Pazuello negou seguidas ofertas de doses de vacinas da Pfizer que poderiam ter iniciado a campanha mais cedo.

Com a saída do general em março de 2021, coube ao sucessor, o cardiologista Marcelo Queiroga, a tarefa de ampliar a vacinação. Estados, porém, passaram a apontar, em diferentes momentos, problemas como distribuição irregular de doses (o que chegou a fazer com que as campanhas fossem suspensas temporariamente em algumas cidades) e impacto de fake news, parte delas estimuladas em falas do próprio ex-presidente, na campanha de imunização.

Para Dalcolmo, o caso é um dos paradoxos que marcam a gestão da crise da Covid no Brasil. "Fomos começar a vacinação em janeiro de 2021, quando, por ter feito estudos de fase 3, poderíamos ter feito precocemente, como em países europeus. E começamos num ritmo muito aquém do desejável." Em 2022, estudo publicado na revista Lancet Regional Health Americas mostrou que 47 mil mortes de idosos por Covid seriam evitadas se a vacinação começasse acelerada. Avançar em campanhas para recuperar não vacinados é um dos desafios que devem persistir independentemente da classificação da emergência, segundo especialistas e gestores. "O papel da retórica governamental foi extremamente nocho. Precisaremos de campanhas esclarecedoras", afirma Dalcolmo.

Maia, do Conass, concorda. "No início, vivemos quase uma guerra da vacina, com grupos disputando quem ia vacinar primeiro. Depois, fomos tendo mais vacinas, mas faltou discurso firme e motivação da população para melhorar a cobertura. É um desafio que ainda vai permanecer", diz ele, que aponta outros, como o próprio monitoramento da epidemia e a recuperação de atendimentos represados.

Vacinação continua fundamental, diz ministra da Saúde

A ministra da Saúde, Nísia Trindade, disse nesta sexta (5) que a Covid-19 não acabou e que a vacinação continua fundamental mesmo após a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarar que a doença não é mais Emergência de Saúde Pública de importância internacional. "O fim da declaração de emergência não significa o fim da circulação da Covid-19. Por isso, a vacinação segue como ação fundamental. Precisamos da mobilização de todos para ampliar a cobertura vacinal e combater a desinformação que questiona a segurança e a eficácia dos imunizantes", declarou. No Brasil, a Covid-19 provocou mais de 700 mil mortes e 37,4 milhões de casos. "Jamais nos esqueceremos das vidas perdidas. Essa memória tem que nos alimentar na reparação da dor, porque precisamos fazer isso, mas, ao mesmo tempo, da união pelo futuro, para que novas tragédias como essa não se repitam", acrescentou a ministra.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Saúde **Caderno:** B **Pagina:** 3

Copyright © Clipclap 2025.